

## RESENHA 3

Resenhado por Maria Adélia Menegazzo<sup>1</sup>

SANTOS, Paulo Sergio Nolasco dos (org.). *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense*. Dourados, MS: Seriemá, 2010. 216p.

A publicação de *Literatura, arte e cultura na fronteira sul-mato-grossense* cumpre, de imediato, o papel de divulgar as pesquisadas coordenadas, orientadas e levadas a cabo pelo organizador, o Prof. Dr. Paulo Nolasco dos Santos, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD - bem como de trazer à reflexão a questão sempre premente do conceito de regionalismo e seus correlativos. A coletânea, como um todo, explora objetos variados produzidos, principalmente, no Estado de Mato Grosso do Sul.

**Mário Cezar Silva Leite**, professor da UFMT, um pensador da regionalidade, da cultura mato-grossense, deixa claro desde o título de seu prefácio-ensaio – **De Istambul a Dourados: entre fronteiras e dardanelos** - que as discussões sobre regionalismos e identidades tecem-se “na medida e na fissura-nós em que a arte e as reflexões dos intelectuais e artistas fronteiriços ou do ‘interior’ se problematizam diante da hegemonia nacional e trazem a tona não apenas a sua existência, mas a sua produção-reivindicatória de reconhecimento diante do ‘outro’”. Ressalta, desse modo, que a questão regional apresenta-se para o artista e o pesquisador do local, tomando Nolasco como exemplo, como problema próprio de quem está fora do centro, de quem está do outro lado da fronteira e opera com igual qualidade, ainda que não se possa dizer qual o lado de dentro e qual o de fora.

É também com esta perspectiva que o ensaio de **Maria Luiza Berwanger** busca no pensamento de Guilhermino Cesar, escritor, jornalista e intelectual sul-rio-grandense, as bases para a invenção do regionalismo. Para a autora, no pensamento teórico-crítico do autor de *A vida literária*, a representação da literatura brasileira se faz enquanto fábula do lugar, indo ao encontro do pensamento de Jean Bédès, de que o lugar se inventa a partir de si mesmo transcendendo signos, abdicando inclusive da necessidade de tê-los para ser. Aproxima o gaúcho Guilhermino Cesar, do mineiro Drummond e do paulista Mário de Andrade. Vê em seus poemas as marcas do típico, do espetáculo local reconfigurado e da paisagem subjetiva, redefinindo nossos limites no entrecruzamento de corpos e culturas.

---

<sup>1</sup> Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada – FCL Assis – Unesp; professora associada de Teoria da Literatura; colaboradora no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da UFMS – *Campus* de Campo Grande. E-mail: ma.menegazzo@uol.com.br.

Para discutir as relações interculturais na fronteira do Brasil com o Paraguai, **Caroline Beluque Touro** e seu orientador estudam a obra de Josefina Plá, poetisa que ocupa lugar privilegiado na literatura paraguaia, e que vem recebendo merecida atenção da crítica literária acadêmica. O enfoque recai, primeiramente, sobre as relações entre as culturas fronteiriças, a definição de uma literatura paraguaia no século XX e o lugar de Plá neste espaço. Na última parte, *La poesia de Plá*, encontramos um rápido estudo sobre seus livros de poemas. Ainda que sucinta, a análise de “Las puertas” deixa entrever a riqueza do texto poético de Plá, tanto quanto a competência da análise, evidenciando aspectos da solidão do eu-lírico relacionados ao isolamento da escritora.

Em 2008, o escritor sul-mato-grossense Hélio Serejo teve sua obra completa organizada por Hildebrando Campestrini e publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. No livro em resenha, dois estudos são dedicados ao autor, resultado de projetos de pesquisa de iniciação científica. O primeiro deles, de **Gecieli de Oliveira Silva** e **Paulo Nolasco**, enfatiza o escritor regionalista de *Contos crioulos*, revelando o narrador que se dedica a ouvir histórias para depois enunciá-las. Discute a relação entre regionalismo e crioulisto, este último entendido como a presença de elementos da cultura local, o nativismo dos trabalhadores dos ervais da região de fronteira entre Brasil e Paraguai. O crioulisto é também o tema do ensaio de **Dayana Lopes Russo** e **Paulo Nolasco**, voltado para a análise dos livros *Vivência ervateira*, *Os heróis da erva* e *No mundo bruto da erva-mate*. Aqui os autores buscam delinear uma identidade a partir das trocas culturais configuradas no discurso literário, identificando na erva-mate e nas práticas decorrentes de sua produção e consumo um dado importante no processo de formação de uma cultura local.

É ainda a fronteira entre o Brasil e o Paraguai que servirá de espaço para a reflexão a respeito das trocas e influências na música regional. **Marcos Antonio Borges** e **Paulo Nolasco** partem das pesquisas de Marlei Sigrist e de Evandro Higa, entre outros estudiosos, identificando três diferentes regiões em Mato Grosso do Sul às quais correspondem três tipos diferentes de ritmos/gêneros musicais e danças típicas: o Bolsão, o Pantanal e a Fronteira. Esta última será enfocada a partir da polca paraguaia, da guarânia e do chamamé. Demonstram os autores a diversidade da origem desses ritmos presentes nas culturas indígena, jesuítica e europeias suas transformações e adaptações.

Utilizando como epígrafe a música “Sonhos guaranis”, de Almir Sater e Paulo Simões, que canta o espaço onde o Brasil foi Paraguai, **Rafaela Carolina Grance** e **Paulo Nolasco** estudam a diversidade das práticas culturais na fronteira da região Centro-Sul de Mato Grosso do Sul. O ponto de vista adotado ressalta o hibridismo cultural da fronteira, traduzido no conceito de “contrabando”, ressaltando uma cultura que, de acordo com Léa Masina, se forma à sombra da história local. Nesta perspectiva, a poesia escrita em portunhol de Douglas Diegues, os textos de viagem pela região de Guimarães Rosa, o romance de Brígido Ibanhes, *Silvino Jacques: O último dos bandoleiros*, se juntam às festas populares paraguayas, aos hábitos cotidianos, formando uma imensa e “duplamente feliz” (no dizer de Elpidio Reis) cultura *brasiguiaia*.

“Manoel de Barros: *ethos* e oralidade na literatura sul-mato-grossense”, de autoria de **Ana Maria dos Anjos Martins Barbosa** e **Paulo Nolasco**, pretende verificar na obra do poeta uma dimensão regionalista, tendo como aporte teórico os estudos culturais e comparatistas. Os autores buscam, para tanto, essa dimensão “ao nível de representação e de *circunscripción* da escrita manoelina enquanto dicção e discursivização própria do elemento regional, intrínseco ao universo de discurso do Autor” (p. 88). Além disso, utilizam-se dos conceitos de oralidade e inventividade para evidenciar essa configuração na obra de Manoel de Barros. A densidade das reflexões aponta para uma abordagem diferenciada da obra do autor de *Livro de pré-coisas*.

**Suely Aparecida de Souza Mendonça** traz a baila o acervo historiográfico da escritora maracajuense Eulina de Souza Ribeiro, cumprindo, assim, um dos papéis fundamentais da academia, a produção do conhecimento a partir de fontes primárias. Valendo-se de reflexões sustentadas pelos estudos culturais e a literatura comparada, a autora ressalta que o acervo de Eulina “não só guarda a memória material da literatura e da cultura regional, mas também atua sobre o meio cultural no qual estão inseridos” (p. 165). Assim, analisando o material literário, a autora verifica, como prioritário nos textos, o trabalho com a linguagem poética, o que, no entanto, não a impede de falar a cultura local, criando imagens de pertencimento. No ensaio em questão, Suely Mendonça descreve o material iconográfico sul-mato-grossense composto de desenhos, fotografias, recortes de jornais e evidencia as anotações de Eulina a respeito de notícias, crônicas, programas de televisão e correspondências. A partir desses elementos Mendonça reconfigura e atribui novos significados a momentos diversos da realidade local.

Uma reflexão sobre a arte produzida em Mato Grosso do Sul, enfocando artista, crítica e obra é o objetivo de **Marcos Antonio Bessa-Oliveira** e de **Edgar Cesar Nolasco**. Para tanto, o primeiro autor situa seu discurso num lugar específico e expõe sua condição, utilizando principalmente o discurso crítico de Homi Bhabha para fundamentar seu ponto de vista e abordagem. Chama atenção para o fato de a produção artística sul-mato-grossense viver sob a sombra das Fundações de Cultura, replicando imagens e confirmando estereótipos. Reflete também sobre o significado de “contemporâneo”, contrapondo Agamben, Clarice Lispector e o sentido dicionarizado. O que significaria ser um artista contemporâneo em Mato Grosso do Sul? Embora o autor opte inicialmente por uma simplificação do significado, ao final, percebe-se que sua compreensão vai além daquelas apresentadas. Faz uma leitura de produções do grupo *Dois ao avesso*, formado por Douglas Colombelli e Desirée Melo, dando significativa atenção para o fato de serem artistas ligados a universidades, que não se limitam aos suportes da tradição, embora deles também se valham. Além disso, recorrem a dados biográficos na construção de suas obras sem ficarem reduzidos ao subjetivismo romântico. A partir daí, critica o discurso crítico que avalia as imagens contemporâneas com as categorias próprias do passado clássico, limitando-se aos aspectos formais mais evidentes. O autor reivindica, então, uma crítica que se oponha ao discurso hegemônico, que dê conta de falar o presente com os dados do presente. Mas para que isto ocorra, é necessário que a produção

seja de fato contemporânea e, então, o autor abre, generaliza a pergunta sobre a função ou funções das artes visuais. Novamente Bhabha é chamado à discussão para expulsar o “ranço cultural”, para compreender o sentido da representação nas artes contemporâneas: “que leve em conta, de forma consciente, as relações hoje pré-estabelecidas entre: poder político/poder social, sujeito plural/sujeito singular [...] identidade/memória; arte/artesanato, próprio/alheio etc...” (p. 205).

Decifra-te e te devora! É este chamado que o livro organizado por **Paulo Nolasco** vem a responder. No primeiro ensaio, de autoria do organizador, **Um gosto de guavira: “é bem Mato Grosso do Sul” – Notas para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense**, apresenta uma longa reflexão sobre suas pesquisas, as de seus orientandos e de pesquisadores que, do ponto de vista do professor, contribuem de maneira real e efetiva para a definição da cultura local. Não deixa, ainda, de chamar a atenção para a obra de escritores e artistas locais. O texto, originalmente apresentado como palestra inaugural do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados, no PPG em Estudos de Linguagens da UFMS, discute, na medida em que apresenta os trabalhos citados, os conceitos-chave da literatura comparada e dos Estudos Culturais com os quais trabalha este grupo de estudiosos e pesquisadores. Permite, dessa maneira, que tenhamos uma visão geral, sem as perdas das generalizações, enfatizando de cada trabalho sua contribuição para a constituição de um grande arquivo da cultura sul-mato-grossense. A importância dessa publicação é indiscutível, não apenas porque recusa uma hierarquia – há projetos de iniciação científica, de TCC, de mestrado e de doutorado, mas porque enfatiza metodologias e aspectos comuns ao grupo. O **gosto de guavira**, de que trata o título do ensaio, só se sabe provando da fruta, mas o sabor do texto está à disposição do leitor, aonde quer que ele se encontre.